



DOS CORPOS AO *CORPUS*: CONTRACENANDO COM TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

FROM CORPOREALITIES TO *CORPUS*: ACTING ALONGSIDE TEREZA
VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

**Tereza Virgínia Ribeiro
Barbosa**

ENTREVISTA POR:
Rafael Silva*

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando Pós-Lit, FALE, UFMG.

CARA PROFA. TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA, VOCÊ É UMA INTELLECTUAL DA ÁREA DE LETRAS COM ATUAÇÃO CONSTANTE NA ACADEMIA E NA SOCIEDADE: PROFESSORA TITULAR DA FACULDADE DE LETRAS (FALE) DA UFMG, ONDE ATUA DESDE 1983, LECIONANDO PRINCIPALMENTE LÍNGUA E LITERATURA DA GRÉCIA ANTIGA, COM ÊNFASE EM TRAGÉDIA GREGA E TRADUÇÃO, ALÉM DE COORDENADORA DO GRUPO DE TRADUÇÃO DE TEATRO (GTT/CNPQ) E PESQUISADORA DO NEAM (NÚCLEO DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS), COM INÚMEROS PROJETOS DE TRADUÇÃO E *PERFORMANCE* NOS QUAIS A DIMENSÃO DIDÁTICA SE VÊ POTENCIALIZADA POR SUAS PREOCUPAÇÕES ESTÉTICAS E ÉTICAS. DE SUA PRODUÇÃO, CUMPRE DESTACAR QUE VOCÊ PARTICIPOU DA ELABORAÇÃO CONJUNTA DO *DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS* (ATELIÊ, 2010), TRADUZIU E COMENTOU O DRAMA SATÍRICO *ICNEUTAS* DE SÓFOCLES (EDITORA UFMG, 2012), PRODUZIU EM COAUTORIA UMA TRADUÇÃO POR IMAGENS, VIA QUADRINHOS, DA *ILÍADA DE*

HOMERO (RHJ, 2013) E TEM COORDENADO A TRUPERSA (TRUPE DE TRADUÇÃO DO TEATRO ANTIGO), POR MEIO DA QUAL JÁ FORAM VERTIDAS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO ALGUMAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES, COMO *MEDEIA* (ATELIÊ, 2013), *ELECTRA* (ATELIÊ, 2015) E *ORESTES* (2017). SÃO ANOS DE DEDICAÇÃO AO ENSINO DE CULTURA, LÍNGUA, LITERATURA, TEATRO E TRADUÇÃO, NOS QUAIS SE DETECTA UMA ATIVIDADE INCANSÁVEL DE UMA INTELLECTUAL DEDICADA AO DIÁLOGO EFETIVO ENTRE ACADEMIA E SOCIEDADE.

A CHAMADA DA REVISTA *EM TESE* SUGERE QUE “[O] DEBATE LITERÁRIO TEM OFERECIDO CADA VEZ MAIS ESPAÇO PARA REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O QUE FOI HISTORICAMENTE COLOCADO À MARGEM DAS INSTITUIÇÕES OFICIAIS: GÊNEROS HÍBRIDOS OU FRONTEIRIÇOS; CORPOS E CORPORALIDADES DOS TEXTOS, DE QUEM (NÃO) OS ESCREVE E DE QUEM (NÃO) OS LÊ.” COMO VOCÊ ENXERGA A SITUAÇÃO ATUAL DA LITERATURA E DOS ESTUDOS

LITERÁRIOS À LUZ DAS MUDANÇAS SOCIOPOLÍTICAS DOS ÚLTIMOS ANOS NO BRASIL E NO MUNDO?

Uma descoberta que o contato continuado com o mundo antigo me proporcionou foi identificar como falácia a noção de que estamos sempre evoluindo. Estudando os gregos, os egípcios, mesmo a Idade Média, constatamos que é tão fácil achar elementos de atraso que nos repugnam como surpresas positivas e fatores de entusiasmo. O conhecimento é sempre uma volta a nós mesmos, no sentido de tomarmos pé de nossos fracassos, nossas limitações e recuos, como indivíduos ou como sociedades. Acho que as mudanças no Brasil e no mundo são muito complexas e extensas, e a nossa capacidade de examiná-las é parcial e precária, quer por estarmos nela implicados, quer por injunções temporais e espaciais, entre outras. Examinar o impacto dessas transformações necessariamente as sujeita a uma questão de perspectiva, à qual sempre estamos condicionados: questões candentes para um professor universitário hoje serão tidas como irrelevantes por outros segmentos e vice-versa. Neste aspecto, evoco Aristóteles com a jogada purificante da conjunção *φόβος και ἔλεος* e convoco Brecht com o efeito de distanciamento e de empatia. Para entender, é preciso – como um pintor – afastar-se e olhar a tela.

Sempre achei que a arte – no caso, a literatura – deveria ser intransigente em seu direito de ser arte sem ter que

moralizar ou defender visões político-partidárias (falo do teatro panfleto, do romance panfleto, do cinema panfleto, etc.). Toda arte representativa – se valorizamos a crítica, é preciso separar uma coisa da outra, diferenciá-las, aceitar que se pode atender mais ou menos, melhor ou pior, a necessidades e parâmetros – deve estar acima do panfleto, do manifesto, que têm sua razão de ser, mas que, para mim, jamais foram uma escolha. Um parêntese seja feito: o teatro ático, em sua época, pode bem ter sido um mecanismo de exaltação da cidade; hoje, porém, ele é mais que isso, é de todos e para todos, não é sectário, nem minoritário, nem partidário...

Mas, voltando ao tema, confesso que não consigo acompanhar com vagar e detalhamento a literatura contemporânea. Creio que já é uma felicidade ter conseguido me dedicar, nos últimos anos, a escritores e poetas brasileiros modernos. Neles, ainda encontro aspectos que me interessam: a coragem para a polêmica, a busca de originalidade, a paixão pela ideia de Brasil. No que li, muito esperso, da literatura contemporânea e também da crítica relacionada, vejo com preocupação que se imiscuem, ainda muito cruas e sem passar pela necessária recriação artística e teórica, ideias formatadas e inflexíveis sobre uma série de experiências e aspectos. Nesse sentido, acho que nos falta, atualmente, não sei se mais do que antes, mas de uma

forma alarmante, o sentido verdadeiramente crítico, pois se há um cerceamento das opiniões indesejáveis ou contra a corrente, como podemos pensar na real liberdade de pensamento?

Falo isso a respeito da formatação do “politicamente correto”, da separação de grupos minoritários da coletividade como critério definidor para a criação de leis e políticas públicas que acabam se revelando senão excludentes, inócuas; da supervalorização do ecológico e da incongruente relativização dos crimes das mineradoras; da hegemonia de línguas (obrigatoriedade, por exemplo, de se publicar em inglês, como se estivéssemos numa nova Idade Média e devêssemos produzir todo o pensamento acadêmico em latim... Às vezes me pergunto: é uma nova língua ‘eclesiástica’?). A uniformidade do pensamento, do comportamento, da língua só pode ter como consequência um empobrecimento das produções intelectuais.

VOCÊ TEM UM TRABALHO DE TRADUÇÃO TEATRAL – ESPECIALMENTE A PARTIR DA TRAGÉDIA GREGA, MAS CUJO POTENCIAL TEÓRICO E PRÁTICO SE APLICA TAMBÉM À PRODUÇÃO DRAMÁTICA DE OUTRAS ÉPOCAS, LUGARES E CULTURAS – QUE GANHA CADA VEZ MAIS RECONHECIMENTO NA CENA ACADÊMICA E PÚBLICA NO BRASIL. VOCÊ PODERIA EXPLICAR, EM LINHAS GERAIS, EM QUE CONSISTE O DIFERENCIAL DE SUA ABORDAGEM COM RELAÇÃO

A OUTRAS JÁ CONSAGRADAS PELA FILOGIA CLÁSSICA E PELA PRÓPRIA TRADIÇÃO ACADÊMICA DE ESTUDOS LITERÁRIOS?

Agradeço a ‘levantada de bola’ da equipe da revista, sensibilidade e oportunidade magnífica, obrigada! Na verdade, o grande mentor intelectual da metodologia de recorrer ao saber teatral prático para traduzir foi o professor Jaa Torrano, da USP. Os louros foram dele, o primeiro a convidar uma atriz para ler suas traduções, eu só radicalizei, maximizei o processo, minha contribuição foi a de uma professora que, até por sua obscuridade de mineira, podia ousar ações meio inusitadas.

Acho que a busca de todo pesquisador honesto é contribuir de forma original, independente, singular e única (se isso for possível em um trabalho acadêmico onde o sucessor é nutrido – mesmo que seja para discordar – pelo seu antecessor), com modéstia. Sempre almejei ser ‘livre pensadora’. Só uma coisa me dirige: não ser escrava das gentes, das reputações, das correntes de vanguarda, retaguarda ou o que for, dos partidos políticos, inclusive.

Amo a humanidade, mas não a vejo como infalível, e talvez por isso eu seja uma ‘iconoclasta de teóricos’. Para o bem ou para o mal, meu trabalho de tradução sofreu as consequências disso, ele demorou mais ou menos 10 anos para ser aceito. Vejo o que proponho na tradução como uma tentativa de encontrar minha própria voz, como

estudiosa da língua e da cultura grega, sem me curvar a uma tradição filológica que é centenária e precisar ser revista em vários pontos e que, além disso, se constituiu como elitizante e fechada. Os filólogos são aqueles que, por exemplo, buscam acessar o melhor texto, a edição mais reputada, a escola mais aceita; aqueles que querem o sentido mais exato... Muito bem; contudo, tais coisas não se aplicam na área do teatro, que se utiliza sobremaneira da multiplicidade de leituras, da ambiguidade, da metamorfose dos significados inseridos nas situações construídas a partir do fugaz. Assim, a cada espetáculo, a cada *gap* de memória do ator, tudo se altera e um novo texto se constrói, enfim o teatro é o texto das mil formas. É preciso lembrar ainda que a abordagem filológica se erigiu a partir da aceitação de uma série de pressupostos, ao longo do tempo, dos quais tampouco compartilho inteiramente.

No que toca aos estudos literários, aí preciso reconhecer que o meu olhar, formado pelo mundo grego, vê o moderno e o contemporâneo sempre em diálogo com obras que os precederam. Isso vale até mesmo para os estudos de tradução, a forma, segundo Spivak, mais interessante de praticar a literatura comparada. Vendo a literatura como um contínuo, as transgressões não são tão isoladas ou extremas, há várias linhagens, cooperações e intercâmbios, e as mudanças nunca se mostram excessivamente radicais.

Minha maior glória foi ter trabalhado com artistas e heleenistas em um mesmo *bat-espaco*, com uma mesma *bat-obra* e um mesmo *bat-objetivo*! Foi uma vitória do esforço para se abrir à alteridade, à troca, ao pensamento que progride porque não precisa ter dono nem imunidade.

COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO ENTRE O GÊNERO [GENDER] DE UM AUTOR OU PENSADOR E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA E INTELLECTUAL? VOCÊ ACREDITA QUE O SEU PRÓPRIO GÊNERO [GENDER] TENHA TIDO IMPORTÂNCIA PARA A ESCOLHA DOS MAIS DIVERSOS GÊNEROS [GENRE] TEXTUAIS E ARTÍSTICOS COM QUE VOCÊ TRABALHOU, BEM COMO PARA AS ABORDAGENS PELAS QUAIS VOCÊ MESMA OPTOU?

Certamente, se procuramos ser autênticos, tudo o que somos (ou pensamos ser) terá um grande impacto em tudo o que fazemos. Na procura por ser coerente com a minha condição, meus encargos e funções, creio que o fato de ser mulher [gender] é e foi decisivo no meu trabalho.

Na perspectiva de ser do sexo feminino e ser a única Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa do mundo (não obstante a possibilidade de homônimos!), a única professora de grego da UFMG por 36 anos (com um breve interstício de um ano, quando tive a companhia de Adriane Duarte), me obrigou a ser mulher maximizada no meio de meus colegas. Reforça-me, como diferença, ser diferente, ser polivalente (sempre cozinhei, fui dona de casa, mãe e esposa).

Ou seja, escolhi ser mulher e investir numa jornada rumo à identidade própria. O fato de ser única – como afinal todos somos, cada um a seu modo – me impacta mais do que estar agrupada em um gênero [*gender*]. Pesa igualmente a condição de ter cumprido as exigências da vida acadêmica e, ainda, ter tido quatro filhos. Orgulho-me de tê-los carregado no ventre, de tê-los amamentado e educado. Essa experiência me autenticou, me referendou, me carimbou.

O sexo, mais que o gênero, me definiu em vários aspectos também, e penso que minimizar aspectos viscerais – que para mim são muito importantes – não é bom para ninguém. Acredito que, para a mulher, não ajuda minimizar, sublimar ou idealizar as funções corporais da maternidade, por exemplo, sobretudo para as mulheres que até hoje são vítimas de discriminação em várias situações e particularmente na situação de mulher trabalhadora.

Entrei na universidade há quase 40 anos. Na ocasião, a cada filho que tinha um colega ponderava: “Você está lesando a UFMG com suas sucessivas licenças”; um outro dizia: “É irresponsável colocar crianças para sofrer no mundo de hoje, eles vão ser meninos de creche?”, outro ainda falava “Quer dizer que você vai se ausentar a cada duas horas para amamentar?” e coisas do tipo... À época isso me atordoava, mas a alegria que a maternidade me dava me fez

reconhecer-me diferente. Escolhi ser mãe e isso me fez muito bem. Entendi o mundo através desta lente; compreendi a diferença de cada aluno; compreendi os jogos de poder, de interesses e vaidade que regem a vida comum, aprendi a conciliação, entendi a diferença sutil das personagens no teatro a partir dessa experiência intransferível.

Do ponto de vista de uma mulher, mãe, filha, amiga, irmã, naturalmente sou capaz de perceber coisas que passam batido aos homens. E, se a área é majoritariamente masculina, isso me traz uma vantagem criativa significativa! De início, eu achava que Chico Buarque expressava a ‘alma feminina’, hoje vejo que isso é muito ingênuo. Depois de quatro vezes em experiências muito diversas, na função de mãe, outras quatro igualmente distintas na de avó, sei que o Chico não entende nada do feminino, senão como ficção. Ele pensou, escreveu, interpretou a mulher, mas não viveu, não visceralmente, não na condição *ὄντος*, a mulher. Simplesmente sou mulher, como sou brasileira, mineira, baixinha, gordinha, gosto disso tudo em mim. E não se trata de uma militância como uma filiação a um universal regrado por conceitos filosóficos ou políticos, e sim o resultado de uma experiência cotidiana de interações, aprendizados e percepções. Nem penso que o teatro ou a tragédia tenham uma especificidade que os torne mais indicados às mulheres, mas percebi na dramaturgia

antiga espaços e pontos de debate pertinentes para mulheres de minha época e situação. Ao traduzir, atentei para isso, iluminei tais pontos e creio que, na chegada do texto para o português, a coisa fez muita diferença. Fiz isso com Safo ao traduzir o fragmento Voigt 31. O mais curioso é que mostrei a tradução do fragmento a meu marido e a palavra-chave da mudança foi ele quem me deu, isto é, ele, pela diferença, me fez constituir-me eu.

Assim, considero o meu gênero feminino uma 'lente' através da qual leio o mundo. Essa 'lente' não a escolhi, mas acolhi inteiramente (a interação com o pai de meus filhos foi fundamental para isso). Nasci com essa lente colada na íris e com ela consigo interpretar tudo o que vejo, sinto e leio através dela. Por formação e exercício, entendo que essa 'lente' não deve funcionar como um filtro, uma restrição de interesse por gêneros [*genre*], autores ou abordagens, ao menos não de maneira consciente (principalmente para um pesquisador, que deve sempre se manter aberto a novidades, com o mínimo de preconceitos possível!), mas, ao mesmo tempo, está atômica e ligada à minha maneira de interpretar cada obra. É o tipo da coisa que não muda nada e muda tudo!

O BRASIL E O MUNDO TÊM TESTEMUNHADO CADA VEZ MAIS DESCRENÇA EM SUAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS, COM AS PESSOAS RECORRENDO A DISCURSOS FÁCEIS DE RESOLUÇÃO DOS

PROBLEMAS SOCIAIS E ABRAÇANDO PROPOSTAS POLÍTICAS DELIBERADAMENTE ANTIPOLÍTICAS. QUAL O PAPEL DO ENSINO DE CULTURA, LÍNGUA, LITERATURA, TEATRO E TRADUÇÃO EM TAL SITUAÇÃO? COMO JUSTIFICAR ESSE ENSINO À LUZ DA SITUAÇÃO SOCIOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA?

A cultura, a língua, a literatura, o teatro, a tradução não são atemporais, mas elas constroem grupos que constroem mundos que se reciclam e renovam continuamente até o eterno. Quanto mais variadas forem essas manifestações, mais amplo será nosso entendimento daquele que as cria.

Gosto demais da leitura de Ricoeur sobre o mito de Babel. Para ele o mito não mostra um castigo de Deus, mas a potência da diversidade, a nossa capacidade de invenção, nossa multiplicidade e variedade – quanto mais línguas, melhor. Acho fantástico quando vou ao exterior, eu a falar em português e meus amigos a responderem em francês, inglês, 'polonês' e espanhol. Conversamos em Babel, acho lindo! Falamos muitas línguas e todos se entendem.

A convivência com o diferente é o testamento que nos foi deixado por homens e mulheres como nós, nossos pais, avós, nossos ancestrais. Eis a minha herança deixada por meus antepassados, que tiveram origem não sei quando. Acho que as culturas são assim, no decorrer de milênios foram provadas e testadas por revoluções, mudanças de pensamento, mudanças no conceito do belo, do útil, do

importante... A nova moda hoje, dizem, é conservadora, na minha época foi revolucionária.

A minha cultura prevê as duas. Sem uma não há outra. Pois bem, a cultura é o legado que, creio, devemos conservar. E amanhã? A moda pode ser outra coisa que nunca imaginamos, será? Penso que cada nova criação preservará relíquias da anterior... Não há tradição sem renovação nem renovação sem tradição; mas o ponto é: a cultura será sempre maior do que um momento pontual na história – um governo, uma conjuntura política, uma situação sociopolítica – ela, mais ou menos como disse Aristóteles, vai conduzir a sociedade ao próximo ‘momento’ da história.

O papel do ensino é sempre levar o aprendiz para adiante, para além do estado em que se está, abrir horizontes, ampliar a experiência, pensar o que ainda não foi pensado, sanar uma falha ou lacuna, contrastar isto e aquilo, e, sobretudo, levar à realização pessoal e à felicidade. Não acho que valeria a pena estudar se isso não fosse promover, para nós ou para a sociedade, mais bem-estar, mais saídas para nossos problemas, mais perguntas necessárias para identificar males insuspeitados. Não sei se podemos definir a situação atual com base em um ou dois governantes de que discordamos.

Não quero polarizar e dizer que com este sou feliz, com aquele infeliz. Sou feliz e pronto. Nem sei se é possível mensurar, já tão cedo, se o que identificamos como retrocesso de fato o é ou será duradouro. Invenções, saberes e leis têm desdobramentos imprevistos e múltiplos. As políticas públicas não são feitas por presidentes, mas por gente como eu e você, no ordinário da vida, cotidianamente, e ninguém tem poder como um professor (falo do professor que é o somatório de todos os professores, o Σp), como um servidor público, Σsp , um técnico, Σt , um aluno, Σa , um cidadão comum, Σcc .

Estes, imperceptivelmente, estão construindo uma nação que se manifesta, quer queiramos ou não, com a cara de Brasil. Nesse aspecto, todo ensino, entre todas as categorias e níveis, seja no âmbito de um saber tradicional, da conversa de boca em boca, do jornalismo ou da pesquisa científica e acadêmica, deve ser incentivado.

As verbas são importantes, governantes decidem sobre elas, mas um povo que depende delas para aprender é um povo condenado. Entendo que os incentivos governamentais não podem – por questões éticas – ser irrestritos, eles têm um custo para a nação, nesse caso o mérito é crivo.

Precisamos de ciência produtiva, nas áreas de humanas, biológicas e exatas. Precisamos de pesquisadores honestos,

mais comprometidos com o conhecimento do que com partidos. Precisamos de uma triagem séria do que nos fará progredir e da eliminação gradual do que não tem mérito e mobiliza recursos preciosos. A abundância de verbas sem a aferição dos reais benefícios ou com a submissão da pesquisa a interesses político-partidários sempre foi um péssimo cenário para o florescimento da boa ciência. No caso pessoal, a falta de recurso – para mim, mulher mestiça, nascida de família de periferia e sem estudos – sempre foi incentivo para criação, invenção, inovação. Estou convicta: na minha carreira, a falta de recursos foi meu diferencial, Platão que o diga, foi *πόρος καὶ πενία, ἔρος!* O pesquisador precisa de duas coisas: recursos e falta de recursos, um é complemento do outro.

VOCÊ É UMA ESTUDIOSA RECONHECIDA DA CULTURA GREGA ANTIGA, COM TRABALHO AMPLO E DIVERSIFICADO COM VÁRIAS MÍDIAS DIFERENTES, QUE VÃO DESDE O TEXTO PROPRIAMENTE DITO (ACADÊMICO, TEATRAL E LITERÁRIO, POR EXEMPLO) ATÉ A *PERFORMANCE* TEATRAL E OS QUADRINHOS. CONTE-NOS UM POUCO DE SEU PERCURSO PESSOAL. COMO E QUANDO SE INTERESSOU POR ESSAS ÁREAS DE ESTUDO? HOUVE PESSOAS DETERMINANTES EM SUAS ESCOLHAS? QUAIS? DE QUE FORMA ESSAS ESCOLHAS AJUDARAM A MOLDAR QUEM VOCÊ SE TORNOU?

Acho que já respondi isso. As minhas áreas de interesse são aquelas que me permitiram ser feliz, encher-me de entusiasmo e cumprir as ações para as quais nasci.

Duas pessoas marcaram minha carreira: Jacyntho Lins Brandão e Maria Helena da Rocha Pereira. O Jacyntho, por sua forma aberta de acolher o diferente – somos completamente diferentes. Ele era chefe de departamento quando comecei a trabalhar na Fale. Como chefe e colega de trabalho, ele deixou-me ser o que sou, deixou-me fazer meu trajeto com liberdade, nunca implicou com minha fé, minha heterodoxia; no que diz respeito à harmonia no trabalho, sempre auxiliou, incentivou, nunca se negou a parcerias.

A professora Maria Helena, além do envolvimento como orientadora (de mestrado e doutorado), foi quem, sem dúvida, como pesquisadora e filóloga rigorosa – e éramos completamente diferentes –, me aceitou sem restrições, corrigiu, conduziu, estimulou e, mais, me ensinou a conjugar fé e ciência. Rezamos e trabalhamos juntas. Ela foi a mãe intelectual que não tive. Ela e minha mãe nasceram no mesmo ano, foram as mulheres que me impeliram, cada uma em sua competência. Fui formada por mulheres fortes.

QUE CONSELHO(S) VOCÊ DARIA A PESSOAS QUE ASPIRAM HOJE A SE DEDICAR – EM NÍVEL BÁSICO, MÉDIO OU SUPERIOR – AO ESTUDO OU AO ENSINO DE CULTURA, LÍNGUA, LITERATURA, TEATRO E TRADUÇÃO?

A verdade é nossa melhor amiga, depois dela a humildade, a capacidade de reconhecer erros em público, a capacidade de aprender. Aconselho que insistam em publicar

trabalhos na primeira pessoa do plural, isso mantém presente a proposta de que somos apenas um, no meio de milhares de homens e mulheres que deram sua contribuição ao longo de milênios. Somos juntos.

Ainda que sejamos únicos, é preciso ter em mente que uma andorinha não faz verão e um professor – ou pesquisador – não muda a ciência, o país, o ensino. A coragem de ser único deve se juntar à coragem de ser apenas um no meio de muitos, talvez por décadas ou durante toda uma carreira.

Neste ano assumi uma turma de *Fundamentos de literatura grega I*, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com mais de 60 alunos. No meio do curso percebi, atônita, que a maioria deles era menor de idade e trazia inquietações e angústias enormes, difíceis de solucionar... Eu podia ser avó da maioria, e estou aos poucos saindo de cena. Comecei a buscar formas de me aproximar e dialogar com a turma e encontrei um interlocutor interessante, Carlo Acutis. Busquei conhecê-lo melhor e tomei-o, secretamente, como patrono da turma. Para quem não o conhece, digo que ele me cativou por causa de uma citação somente, algo mais ou menos assim: “Todos nascem como originais, mas alguns morrem como fotocópias. Quero morrer original.” Isso acontece muito na academia, as pessoas entram e saem formatadas, mesmo que com a reputação de luminares, ou

passam a vida tornando-se divulgadores e recitadores de renomados autores. Minha meta foi (e é ainda) ensinar meus alunos a serem “livres pensadores”, “iconoclastas de ideologias”, “desconstrutores de teorias”, “criadores coligados, nunca solitários”, gente feliz consigo mesma, motivada apesar dos percalços. Acho que fiz um pouco disso. Recomendo. Nada melhor que assumir a própria verdade e poder ser aquilo que se é com o mundo à volta e para o mundo.